

O Carnaval da minha vó

Por Maria Julia Andrade

É sempre assim, todas as vezes que me falam do carnaval de “antigamente”, vem à cabeça um carnaval específico de um tempo que eu não vivi, mas que me foi contado várias vezes.

Minha avó adorava contar que ela, Ilka, e a irmã, Fantina, o conheceram quando foram num curso. Ela se apaixonou imediatamente.

O bonito dessa história é lembrar a expressão no rosto da minha vó, um certo brilho no olhar, um sorriso malicioso e inocente ao mesmo tempo, daqueles que deixam aflorar a consciência de que ela fizera algo proibido e que foi feliz por isso. Dona Ilka parecia percorrida por um arrepio que era ativado por essa memória. O carnaval estava guardado no mesmo compartimento do prazer e do amor na sua memória. Tanto que ela contava a história – eu diversas vezes a ouvi – para quem perguntasse como ela e meu avô se conheceram. Tudo o que veio depois se apagava. Aquela memória do carnaval dos anos de 1940 vinha à tona com uma força e um brilho que, agora eu entendo, são próprios do carnaval.

Recentemente, um outro capítulo foi acrescentado a essa história. Minha tia Márcia, hoje a única filha viva de minha vó, me disse que, nesse primeiro encontro, eles trocaram telefones e, no dia seguinte, ele ligou para ela.

O mais divertido ainda está por vir... Ela ficou tão encabulada com a situação que pediu para a irmã atender em seu lugar. Quando ela o atende e cumprimenta, com poucas palavras, do outro lado, ele responde imediatamente: Fantina, vai chamar a Ilka e deixa de brincadeira!

Penso no quanto o carnaval marca a vida das pessoas, e que Dona Ilka é só uma das muitas avós que devem ter contado suas aventuras aos netos e netas, os quais estão voltando aos blocos de rua – não em 2021, espero. Então, nos vemos no carnaval de 2022!

